
ORÍGENES, ALEGORIA, EXEGESE: A PROCURA DE UMA HERMENÊUTICA E DE UM MÉTODO INVESTIGATIVO

Sidnei Francisco Nascimento

Resumo:

A alegoria e exegese, como métodos interpretativos, hermêuticos desenvolvidos por Orígenes o auxiliarão, juntamente com sua formação filosófica, a propagar o cristianismo e explicar, não só para as pessoas cultas, mas também, e sobretudo, para as pessoas simples, as passagens obscuras presentes nas Sagradas Escrituras. O que estará em discussão será interpretação mais apropriada para ler e interpretar as Escrituras. Esta seria literal ou espiritual? Histórica ou alegórica? Ou seria literal e espiritual, histórica e alegórica ao mesmo tempo? São questões que dividiam opiniões, por exemplo, entre os literalistas da Escola de Antioquia e os alegoristas da Escola de Catequese.

Palavras-chave: Orígenes, alegoria, exegese, retórica, história, espírito.

Abstract:

Allegory and exegesis, as interpretation and hermeneutical methods developed by Origen, combined with his philosophical formation, will help him promulgate Christianity and explain obscure passages present in the Holy Scriptures, not only to cultured people but also, and above all, to common people. What is in question is which is the most appropriate way of reading and interpreting the Scriptures. Literal or spiritual? Historical or allegorical? Or would it be literal and spiritual, historical and allegorical, at the same time? These are the questions that divided opinions, for example, between literalists of the School of Antioch and the allegorists of the Catechetical School.

Key words: *Origen, allegory, exegesis, rhetoric, history, spirit.*

Introdução

Sem o equipamento técnico e teórico requerido para esse gênero de pesquisa, nossa análise será preferencialmente histórica. O estudo temático dispensará as minuciosas verificações semânticas para explicitar as coerências internas no que se refere à retórica e à metodologia exegética desenvolvida por Orígenes (185-254). Não nos debruçaremos exaustivamente na análise de uma exegese gramatical, nem desenvolveremos uma crítica textual além do necessário para explicitar sua hermenêutica e técnica de interpretação.

Antes de abordarmos as consequências indesejáveis, embora importantes para construção de um novo critério exegético decorrente dessa nova metodologia investigativa desenvolvida por Orígenes, cotejaremos primeiramente, de forma mais sistemática, as possíveis interpretações e correspondências entre os conceitos de alegoria e exegese desenvolvidas pelo autor no quarto livro do *Tratado sobre os princípios*, referente ao caráter inspirado da Escritura divina e como ela deve ser lida e compreendida; logo a seguir, veremos as críticas que Orígenes sofrera da *ratio* exegética do início do século IV pelos membros da Escola de Antioquia. Para tanto, sublinharemos a querela que o autor sustentou contra os escritos de Celso, e suas implicações a favor de um discurso simples, de caráter universalista, útil para o entendimento de todos, em oposição à retórica grega, e, por último, abordaremos apenas como ilustração a maneira como Orígenes desenvolveu seu método investigativo e quais foram as significações alegóricas que extraiu do famoso dilúvio e da correlata construção da arca de Noé e de suas dimensões presentes em sua homilia sobre o Gênese. Constataremos que essa nova hermenêutica será adequada e necessária para obter a transcendência e a simplicidade do discurso, além de explicar as passagens, muitas vezes obscuras, presentes nas Sagradas Escrituras.

1 – Alegoria e exegese

Segundo Manlio Simonetti em seu livro *Lettera e/o Allegoria*, a técnica exegética de Orígenes é condicionada por três princípios fundamentais:

1º – Prático: toda Escritura na qual toda palavra tem a sua precisa razão de ser, deve ser espiritualmente útil ao intérprete;

2º – Ideológico: consiste na identificação entre conteúdo espiritual e conteúdo cristológico, razão pela qual só se atingirmos a Cristo é que o estudo da Escritura logrará ser verdadeiramente útil; e

3º – Estrutural: consiste na dimensão em dois níveis que platonicamente Orígenes entrevê no universo: em consequência, deve-se elevar do primeiro nível, sensível, para o segundo, inteligível. O autor complementa o quadro destacando a importância do último critério, onde a interpretação espiritual, correspondendo ao segundo nível, o mais importante nível da realidade, que será estendida a toda Escritura. (SIMONETTI, M. 1985, p.79-81)

A alegoria¹ e a exegese que Orígenes construiu das passagens contidas nas Sagradas Escrituras são condizentes com sua formação filosófica e religiosa e estão presentes na própria Escritura. Como vimos, no âmbito da filosofia platônica, Orígenes herdou a relação entre o mundo inteligível e o sensível, visto que o autor se utilizava dessa distinção para uma vasta alegorização do Evangelho e, no âmbito da religião, herdou das epístolas de Paulo sobretudo os princípios de sua exegese e sua aplicação. Orígenes, ao retomar as passagens paulinas, nos diz que, assim como o homem é composto de corpo, de alma e de espírito (1 Ts. 5, 23), assim é a Escritura que, na sua providência, Deus deu para a salvação dos homens. (1 Cor. 2,6-7) Os escritos de Paulo não são somente sua garantia, mas suas fontes principais, embora devêssemos considerar que em Orígenes a ideia de lei espiritual já se encontrava com um rigor excepcional e com requintes de

¹ A palavra alegoria não é a mais antiga. A ideia que ela traduz exprime a origem pelos termos *υπονοια* (suspeita, dúvida ou conjectura): trata-se do “sentido subjacente”, revelado pelo aprofundamento do texto. No sentido restrito, a noção deve ser distinguida de várias outras noções vizinhas: aquela de metáfora que designa propriamente uma transferência de sentido, e sobretudo aquela de símbolo que reenvia à noção de signo e que faz aparecer uma relação (natural e artificial) entre duas realidades distintas. O enigma não é senão um caso particular de alegoria: a alegoria é enigma quando ela é um pouco obscura. Mas, em seu sentido o mais geral, a palavra pode recobrir o conjunto de suas significações. FÉDOU, M. *Christianisme et religions païennes dans le 'Contre Celse' d'Origène*. Paris: l'Aquila, 1973, p. 120

detalhes. A noção de incorporeidade e de transcendência, de mundo interior e exterior, de visível e invisível, de sobrenaturalidade, de lei natural e de mistérios influenciou o alexandrino a tomar partido a favor da interpretação espiritual derivada das Escrituras, em detrimento dos literalismos incentivados pela Escola de Antioquia.

O que está em questão é a escolha de um método investigativo: espiritual ou literal? Mas, quando Orígenes opta pelo método alegórico espiritual, quem escolhe é o intelectual ou o místico? O helenista ou o cristão? A doutrina de Orígenes testemunhava essa tensão. A nova hermenêutica era problemática para a época porque amalgamava todas as tendências. O alexandrino escolheu e aprimorou a alegoria espiritual para descobrir o sentido mais profundo das Escrituras sem deixar de ser filósofo, embora tenha sido reprovado por ter afirmado a salvação final, a reabilitação do diabo e a preexistência da alma em relação ao corpo. Foi baseado em sua formação filosófica que teria recebido de Amônio Saccas que o nosso autor se debatia contra os heréticos. Orígenes concebia a alegoria como um procedimento técnico pela qual se dava a certa expressão um significado diferente daquele literal; nesse sentido, era de equivalência neutra, enquanto podia ser aplicado indiferentemente aos conteúdos pagãos e cristãos. (SIMONETTI, 2004, p.26)

Os adjetivos emprestados ao Teólogo de especulativo e místico não se justapõem, mas são intimamente unidos. É assim que podemos compreender o caractere antitético de seu pensamento. (CROUZEL, J. 1962, p.210) Orígenes sustentava que o cristianismo não cedia em nada à filosofia em matéria de exame aprofundado das crenças, nem as explicações dos enigmas proféticos, as parábolas evangélicas e mil outros acontecimentos ou preceitos à significação simbólica. Só que, ao invés de ele se utilizar da alegoria como acontecia já há muito tempo para exaltar as divindades gregas, Orígenes desenvolvia seu método alegórico para falar sobre a via a mais elevada do itinerário da alma para Deus. Ele não desejava combater somente as mitologias tradicionais dos gregos e dos bárbaros, mas as crenças astrais, ou as demonologias desde quando elas mantinham o fato de uma pluralidade de deuses. Contra os sincretismos muito comuns em sua época, que supunham tal pluralidade que se distanciava de um verdadeiro monoteísmo, Orígenes propunha uma teologia do espírito contra o paganismo e a idolatria.

2 – Como interpretar as Escrituras?

No livro II, capítulo XII, de sua obra *Comentário à Epístola aos Romanos* (obra a que nos deteremos mais adiante), Orígenes desenvolveu uma longa alegoria que refutava a exegese judaica, a considerando apenas como literal. A literalidade da exegese judaica contestada por Orígenes nos dá a entender que ele criticava a falta de referências a Cristo, bem como a economia inaugurada com seu evento. (ORIGENE. 1986, Livro I-VII) Em sua obra *Tratado dos Princípios*, no livro quatro, o alexandrino nos sugere a maneira como devemos interpretar as Escrituras; no entanto, suas orientações passavam invariavelmente pela crítica que ele fazia aos Judeus, que interpretam a lei e a vida dos profetas apenas do ponto de vista histórico e, por sua vez, literal. Orígenes abordava a questão da literalidade dos livros sagrados questionando que algumas passagens, além de serem obscuras, seriam insensatas se a compreendêssemos “ao pé da letra”, isto é, apenas como está escrito *defectus litterae*. Compreendemos melhor sua hermenêutica quando observamos a coerência interna de suas obras. Orígenes, tanto do ponto de vista intelectual, quanto do ponto de vista místico e religioso, sempre privilegiou o contemplativo, o especulativo, a conversão e o retorno da alma para Deus.

O teólogo alexandrino nos sugere que devemos prestar mais atenção naquilo que é significado do que com quais palavras é significado, sobretudo quando se trata de realidades tão elevadas e difíceis. (ORÍGENES. 2012, p. 315) A ideia subjacente é que a prosa seria mais importante que a palavra, o significado mais importante que o significante. Ele quer dizer que a simplicidade do Evangelho é superior à qualidade estética da elocução e da disposição da parte do discurso. Além dessa questão referente à simplicidade da letra, a que nos deteremos com um pouco mais de atenção na discussão que Orígenes estabelecerá contra os escritos de Celso, o que está em jogo nesse momento é a oposição que o alexandrino estabelecia em relação à interpretação que os judeus faziam da divina Escritura. Segundo o nosso autor não devemos nos basear apenas na letra, pois as realidades espirituais não estão circunscritas apenas no universo da

linguagem. A inteligência espiritual se sobrepõe à sintaxe, como o próprio autor nos sugere:

... há realidades cujo significado não pode ser adequadamente explicado por nenhuma exposição da língua humana, mas que são afirmadas mais por um ato de simples inteligência do que pelas qualidades das palavras. Deve-se conservar essa regra para a compreensão das divinas Escrituras, ou seja, avaliar o que é dito não pela baixa qualidade das expressões, mas pela divindade do espírito santo que lhe inspirou a redação. (ORÍGENES, 2012, p.316)

O sentido literal e o histórico se tornam incompreensíveis diante dos mistérios inefáveis presentes nas Escrituras. Sobre a prescrição do sábado feriado, por exemplo, em que se deve ficar sentado o dia inteiro, sem se mexer (Ex 16,29). Orígenes considera impossível cumprir tal preceito, além do que é Judeu quem o é interiormente, isto é, aquele que fez a circuncisão do coração, pois seguir os preceitos, respeitando apenas a letra da lei, de modo exterior e aparente, não é tudo, ou seja, em primeiro lugar se deve amputar da alma a impureza que esta havia contraído em contato com a carne. (ORIGENE. 1986, Livro II, XII)

Embora seja manifesta a preferência de Orígenes em relação à alegoria espiritual, o autor não desqualifica completamente o sentido literal e histórico: pelo contrário, o próprio nos diz que não se deve desmerecê-los:

Dissemos tudo isso para mostrar que a finalidade fixada pelo poder divino que nos deu as santas Escrituras não é compreender somente o que a letra apresenta, pois, às vezes o que é tomado à letra não é verdade, e chega a ser incoerente e impossível; mas que certas coisas foram entretecidas na trama da história que aconteceu e da legislação que é útil em sentido literal. Porém, ninguém suspeite, generalizando, que dizemos que nada é história porque alguns acontecimentos não aconteceram, e que nenhuma legislação é para cumprir à letra só porque algumas determinações não são razoáveis, e são impossíveis. Pelo contrário: é preciso dizer que a verdade histórica de alguns fatos é clara. (ORÍGENES. 2012, Livro IV, IV)

Orígenes recomenda que se leiam as divinas Escrituras com atenção para que se tenham condições de verificar em que momento o sentido literal é verídico e onde é que ele é impossível. O nosso autor cita o apóstolo João, 5, 39, e nos recomenda investigar as Escrituras e reconsiderar que, se do ponto de vista literal a passagem é incompreensível, se deve procurar a conexão com o sentido inteligível ou espiritual, para que, no plano das realidades inteligíveis, o que é impossível pela letra se ligue com o que não só não é impossível, mas ainda, que se transforme em uma história verdadeira, compreendendo alegoricamente o que não aconteceu segundo a letra. (ORÍGENES, 2012, Livro IV, V)

Na cidade a mais turbulenta do mundo, laboratório de todas as variedades de ciência, a gramática e a erudição crítica aí floresciam. Do mesmo modo também aumentavam as acusações que denunciavam as alegorias de Orígenes como heresias e contrárias aos interesses da fé cristã. O cardeal Henri Lubac, em seu livro *Histoire et Esprit*, nos sugere alguns testemunhos das hostilidades que Orígenes vivenciou em vista de uma nova hermenêutica. Suas alegorias espirituais eram consideradas como “extravagâncias”, “jogos pueris”, “estranhas divagações”, “imaginação sem pudor”, “método quimérico”. (LUBAC, H. 2002, P. 13-14) O alexandrino foi acusado de infundir largamente o helenismo dentro da tradição bíblica, e de substituir o que ele considerava como o absurdo do texto tomado em seu sentido literal, por uma verdade metafísica, recebida de outros lugares. Henri Lubac ainda continua com uma lista de acusações que demonstravam e confirmavam a dificuldade que Orígenes teve por ser muito condescendente com a filosofia grega, sobretudo a filosofia platônica.

Orígenes e Clemente (150-215) herdaram dos gnósticos a distinção entre o espiritual e o material, mas a interpretavam num sentido ascético, isto é, o ser perfeito não é um dom de natureza, mas o resultado de um empenho pessoal. A tradição alexandrina da qual Filon (20-50) também fazia parte estava convicta de que a escritura é obscura, plena de mistérios e de difícil acesso e de compreensão. Por esse motivo concordavam que a interpretação espiritual, por meio de uma exegese simples, *sancta simplicitas*, que considerasse o grau de dificuldade de compreensão de seus interlocutores, pudesse ser de grande proveito para propagar os preceitos do cristianismo. Orígenes compreendia o cristianismo como a efusão do espírito sobre a multidão. Ele pretendia ajudar todos os homens e também os ignorantes.

3 - A hermenêutica de Orígenes contra as heresias de seu tempo

Sem respeitar uma ordem cronológica dos que o precederam ou dos autores que vieram depois de Orígenes, as críticas só confirmavam indevidamente as marcas que ficaram para a posteridade de Orígenes como

um autor profano. Eusébio de Cesareia (270-340) reduzia a alegoria dos textos de Orígenes para ressaltar apenas o sentido histórico. Os membros da escola de Antioquia, como Deodoro de Tarso (330-394), Teodoro de Mopsueste (350-428d.C.) e Eustáquio de Antioquia (270-360?), representavam o partido dos radicais literalistas, contrários ao método alegórico espiritual. Deodoro criticava as alegorias de Orígenes porque as considerava um “enigma” aos moldes dos gregos e não no sentido paulino, enquanto espiritualização que não suprime a realidade histórica. Em 375 a ofensiva de santo Epifânio exaltava as primeiras tempestades. Manlio Simonetti, em seu livro *Origene esegeta e la sua tradizione*, destaca a paranoia e o ódio de Epifânio (367-402), as histerias de Jerônimo e os seus furores, e as acusações sabiamente orquestradas por Teófilo (?-180d.C.) para combater o intelectualismo origenista. Para Epifânio “Orígenes não foi um herético a condenar, mas um pesadelo a exorcizar”. (SIMONETTI. 2004, p. 248-250) Por sua vez, Jerônimo não compreendia o método de Orígenes e lançava suspeitas sobre a boa-fé de seu adversário, que parecia não ver senão uma maneira hipócrita de sugerir opiniões perversas. (CROUZEL. 1962, p. 202)

Ao encontro de uma hermenêutica que pudesse esclarecer algumas passagens escriturísticas que eram consideradas por Orígenes como obscuras e de difícil acesso para a maioria, pois segundo ele a palavra de Deus deveria ser pregada às multidões, o alexandrino diferentemente da tradição de Antioquia, da hermenêutica dos valentianos, dos basilidianos e dos gnósticos, se debatia com o literalismo dos judeus porque privilegiavam principalmente a interpretação literal e histórica da lei e dos profetas presentes no Antigo Testamento e, por último, como se não bastasse, manteve a discussão retomando os escritos de Celso, “quase página por página” (ORÍGENES, 2004, p.20), pois, lhe oferecia a ocasião de propor um argumento forte referente à polêmica antijudaica, quer dizer, sua exegese alegórica mostrava dentro do Antigo Testamento as sementes proféticas da história da salvação. Desde Cristo, a Escritura Antiga perdia de alguma maneira sua significação literal. (LUBAC, H. 2002, p. 273)

A animosidade de Orígenes contra os escritos de Celso nascia de sua sensibilidade religiosa muito suscetível, muito ardente para que os procedimentos e o tom de Celso pudessem esfriá-lo; no entanto, a intelectualidade de Orígenes e o seu amor à verdade são

profundamente feridos pelo livro “discursos verdadeiros”, escrito 60 anos antes por um autor praticamente desconhecido de que Orígenes não conhecia senão o nome, além da suspeita de que fosse da doutrina de Epicuro. Orígenes suspeitava que o autor fosse um polemista vigoroso e que envidava todos os recursos de sua arte literária e de seu saber contra a religião judaica e a religião cristã. (ORIGÈNE. 1967, p.08) Essa polêmica marcava a formação da comunidade cristã contra o sentido autocrático e elitista da segunda sofística.

Embora a primeira sofística tivesse sido marcada pelas discussões filosóficas a respeito daqueles discursos que agradavam e iludiam os ouvintes dirigindo seus pensamentos para o prazer, como a retórica de Górgias criticadas por Platão, a segunda sofística se transformava e confirmava seu caráter epidítico quando o orador pretendia exaltar os costumes e os valores romanos. No momento em que os oradores exaltavam os valores aristocráticos romanos, Celso por sua vez privilegiava a retórica grega e a romana em detrimento do caráter universalista da retórica cristã. Orígenes refutava a acusação de Celso dizendo que, além de não conhecer os textos cristãos, o acusava de sustentar que a sabedoria humana é loucura diante de Deus. Como disse Paulo em I Cor. 3,19: a sabedoria humana é loucura diante de Deus. Celso refuta essa comparação absurda respondendo que seria apenas um pretexto para se apropriar dessa linguagem com o intuito de manifestá-la apenas às pessoas estúpidas e ignorantes. (ORIGÈNE, 1967, p. 207)

É interessante observar que as mesmas críticas que Platão fazia a Górgias² referentes à superficialidade do discurso, Orígenes faz a Platão, embora não colocasse em dúvida sua autoridade filosófica, visto que em sua opinião a dialética platônica iluminava a inteligência dos adeptos para o estudo de filosofia. Orígenes ressaltava que o estilo elegante e refinado de Platão e de seus imitadores podia ser útil apenas a um pequeno número de pessoas acostumadas com grandes abstrações. O alexandrino acrescentava:

Longe de mim pensar em criticar Platão: dele também a grande multidão de homens gozaram de grandes vantagens; mas eu quero evidenciar a intenção daqueles que dizem que minha doutrina e minha pregação não têm discursos persuasivos de sabedoria; essa é uma demonstração de Espírito e de potência, a fim que nossa fé repouse não sobre a sabedoria dos homens mas sobre a potência de Deus. (1 Cor. 2,4-5). (ORÍGENES, 2004, p. 451)

² GÓRGIAS, 465a 465e.

As opiniões de Celso se inserem no curso dos acontecimentos do século II de nossa era, tais como a encarnação histórica do *logos*, a primeira difusão apostólica do cristianismo, a conversão do império e por último a definitiva teofania da história. (RIZZI, M. 1998, p. 201-208). O seu “aristocracismo” intelectual desdenhava a retórica cristã que, segundo ele, não se dirigia senão aos ignorantes e insensatos. “Religião de idiotas que solicita a 'idiotia' de escravos e de pobres pessoas, mentirosos, mágicos e charlatães. Celso rejeitava o universalismo da pregação cristã, que procurava converter somente os ignorantes e os estúpidos. (ORIGÈNE. 1967, p. 207)

Jean Danielou, em seu livro *Origène*, nos diz que o essencial para Orígenes é a explicação das Sagradas Escrituras. Embora o alexandrino privilegiasse o sentido espiritual das Escrituras, não devemos esquecer que ele iniciava seu trabalho de exegese primeiramente preocupado em procurar o sentido literal das expressões empregadas, pelas quais ele se informava, e desenvolvia, ao mesmo tempo, um trabalho de filologia e arqueologia. Com efeito, para o autor em questão, a Escritura é espiritual, e o papel próprio da exegese era precisamente, sob a crosta da letra, penetrar o Espírito de maneira a comunicar as passagens obscuras presentes nas Escrituras. A descoberta do sentido espiritual era essencial para Orígenes. (DANIELOU, J. 1948, p. 145)

O alexandrino convivia com as incompreensões e calúnias impetradas por aqueles que eram hostis ao seu método alegórico. Em suas homilias sobre o Gênesis ele já previa: “Mas imediatamente os amigos da “letra” vão manifestar contra mim calúnias e insídias, e tramarão medidas hostis e persecutórias, negando que a verdade pudesse subsistir em outro lugar e não sobre a terra.” (ORIGÈNE. 1976, p.321) Observação curiosa que conota o platonismo de Orígenes. Se conforme Platão as coisas aqui em baixo são sombras das ideias eternas, da mesma forma as passagens da Bíblia são sombras das realidades sobrenaturais vividas pela Igreja do Novo Testamento.

Em busca de uma hermenêutica apropriada, sua exegese possuía um sentido antijudaico, antignóstico e antimarcionita. Se quisermos compreender o lugar da interpretação espiritual nos primeiros séculos cristãos, será necessário lembrar que ela estava diretamente em relação com os mais importantes problemas que são enfrentados

pelo cristianismo, principalmente a significação mais apropriada ao Antigo Testamento. Se de um lado os judeus continuavam a afirmar o valor literal da Escritura e a praticar a lei mosaica; do outro, além de também confirmarem a adesão ao literalismo, os gnósticos eram da opinião de que as Escrituras não são divinas, mas obra de um demiurgo imperfeito e malvado. E por último ainda havia aqueles cristãos que, no interior da Igreja, negavam a interpretação espiritual porque possuíam uma ideia indigna de Deus. Para esses, o Deus do Antigo Testamento é o verdadeiro Deus e entendiam à letra o que era dito Dele. (DANIELOU, J. 1948, p. 148)

Em sentido contrário, os alexandrinos consideravam que o Antigo Testamento teve num determinado tempo o seu valor, mas que esse valor era de ser a preparação e a prefiguração do Novo Testamento.

Existem para o cristão dois “testamentos” sucessivos, que não são de início nem para sempre essencialmente dois livros, mas, duas 'economias', duas 'alianças', as quais deram o nascimento de dois povos, dois regimes, estabelecidos por Deus, um depois do outro, para ordenar as relações do homem com ele. (LUBAC. H. 1964, p.309)

No entanto, não o desprezavam completamente porque consideravam que, embora ultrapassado em sua literalidade, ainda guardava o seu valor de figura. Essa discussão a respeito do sentido mais apropriado que se deve atribuir às Escrituras põe em evidência a sucessão e a continuidade das duas economias. Aliás, é toda a tradição da Igreja que Orígenes resume e sistematiza.

“Devemos contudo rezar para que 'o véu seja rompido' de nosso coração, para que nós façamos o esforço 'para nos voltar para o senhor' (II Cor. 3,16), pois, 'o senhor é o Espírito' (II Cor. 3,17), que ele próprio rompa o véu da letra e libere a luz do Espírito, e que assim nós possamos dizer que na: '... face descoberta, refletindo a glória do Senhor, nós somos transformados na mesma imagem cada vez mais resplandecente, como pelo Espírito do Senhor.' (II Cor. 18)” (ORIGÈNE. 1976, p. 185)

Não consideraremos o mérito da discussão referente às diferenças entre os conceitos de alegoria e tipologia como se o primeiro fosse estranho ao cristianismo e o segundo representasse a interpretação ratificada pelos alexandrinos; mesmo porque, tanto os antigos, quanto os medievais, ignoravam completamente essa distinção. Até mesmo Orígenes, que fora um dos precursores dessas teorias, que foi o autor mais pela prática do que propriamente pela teoria, desconhecia completamente a que viria a ser conhecida posteriormente, sobretudo a partir do século XIII, como a doutrina do quádruplo sentido. De um modo geral, alegoria e tipologia são complementares, isto é, são conceitos

interdependentes e justapostos. Essas exegeses só dividiram opiniões quando foram compreendidas como métodos investigativos historicamente definidos. Como foi o caso, por exemplo, da interpretação que os membros da Escola de Catequese e os membros da Escola de Antioquia atribuíram a esses conceitos dividindo os campos da exegese entre espiritualistas e literalistas. O que nos interessa nesse momento é ressaltar o significado da exegese tipológica, bem como compreender a tese de Jean Danielou, segundo a qual a tipologia se desdobrará no sentido alegórico e se sistematizará até ser conhecida como a doutrina dos quatro sentidos atribuídos às Escrituras, tão usual entre os medievais.

“Tipo” é o que está expresso em figura ou imagem, como um conteúdo cristão historicamente definido. Podemos observar que a interpretação tipológica do Antigo Testamento distingue os personagens como “tipos”, antecipando a salvação do que viria acontecer e prefigurando a pessoa e a obra de Cristo; no entanto, é importante ressaltar que esse conceito é estático e não dinâmico, como é o caso de alegoria. Vemos, portanto, que, além de a tipologia origenista incidir na antiga economia, quando se refere à lei e aos profetas, no que se refere ao Evangelho ela possui um sentido crístico, eclesial, místico e escatológico. De um modo geral, para corroborar a tese de Jean Danielou de complementaridade e não de separação entre alegoria e tipologia, observamos que esses planos já estavam presentes na hermenêutica de Orígenes, no momento em que o alexandrino interpretava as imagens presentes nas Escrituras do ponto de vista espiritual quando as interiorizava. Esse método investigativo era o que possibilitava as correspondências entre os diversos planos de realidades e de perceber suas analogias.

Orígenes se interessava muito mais sobre o sentido interior das figuras do que sobre o seu sentido eclesiástico. Sendo assim, há uma correlação marcante entre interioridade e transcendência, entre a espiritualidade origenista e a filosofia socrática. Será esse o traço próprio de sua exegese, mais condescendente com sua formação catequética, que se oporá mais tarde àquela de Antioquia. É importante lembrar que tanto a exegese de Clemente de Alexandria, quanto a de santo Epifânio, são igualmente tipológicas. Não será no interior da exegese de Orígenes que encontraremos respostas satisfatórias para o recrudescimento da relação entre o literal e o alegórico. Embora os antioquianos considerassem mais os sacramentos da tradição catequética, e os alexandrinos considerassem mais o aspecto místico da tradição espiritual, mesmo assim, a rigor, um e outro são igualmente tradicionais. Lembramos que Orígenes não negava o

culto, mas depreciava os ritos exteriores; ele não negava a tipologia sacramental, mas não se debruçava sobre ela. O alexandrino privilegiará mais o sentido espiritual como o alimento da alma. (DANIELOU, J. 1948, p.166).³

4 - Métodos investigativos para interpretar a Arca de Noé (Gn 6, 13-22): literal ou histórico, anagógico e tropológico

Quando nos referimos, no capítulo anterior, a respeito da epistemologia de Orígenes, em que a própria possuía um movimento vertical e horizontal, conseqüentemente no plano da exegese também verificamos a mesma situação em outros termos. Do ponto de vista horizontal, as figuras são historicamente determinadas. Por outro lado, do ponto de vista vertical, o movimento é um pouco mais complexo. No interior de sua tipologia crística, percebemos variações que podem se estender verticalmente do sentido literal até chegar ao escatológico: *Littera gesta docet, quid credas allegoria, Moralis quid agas, quo tendas anagogia*⁴

Vejamos os exemplos: quando Cristo aparece como pessoa histórica nos acontecimentos do Evangelho temos o sentido literal ou histórico; quando sua vida se reveste nos sacramentos da Igreja, que é seu corpo, verificamos o sentido eclesial; do ponto de vista místico, por sua vez, podemos considerá-lo na sua realidade coletiva, que é a Igreja inteira, ou em cada um dos membros dessa Igreja que deve “revestir” o Cristo; temos o sentido tropológico que, aliás, assume uma importante e recorrente figura de linguagem, porque transforma as virtudes de Cristo como modelos de virtude, com o intuito de estimular a boa formação moral; e por último, do ponto de vista escatológico, devemos entender seu reino como o reino glorioso. É importante ressaltar que, nesse último plano, quero dizer, o escatológico, também se conjuga com o

³ Ver também in VISIONA, GIUSEPPE. Rec. A H. Buchinger, *Pascha bei Origenes* – Band 1: Diachrone Präsentation. Band 2: Systematische Aspekte. (Innsbrucher Theologische Studien, 64) Innsbruck-Wien, Tyrolia-Verlag, 2005. Publicação periódica: Revue d'Historie Ecclésiastique, 2006.

⁴ A letra ensina feitos ilustres em que a alegoria crê, que a moral conduz para onde a anagogia tende. (Tradução nossa) Henri Lubac in *Exégèse Médiévale – Les quatre sens de l'Écriture apud* Nicolas de Lyre de 1330, na *Postille* sobre a Epístola aos Gálatas. In *Gal., IV, 3 (Bible de Douai, VI, Anvers, 1634, p.506)*.

sentido anagógico, quando da Igreja militante nós nos elevamos à Igreja triunfante e às substâncias separadas até o ponto mais alto da Trindade, além da qual não é possível chegar.

De maneira muito resumida sublinharemos apenas alguns exemplos para ilustrar a maneira como Orígenes adaptava as narrativas das Escrituras às significações alegóricas, nesse caso, a propósito da tipologia de Noé em suas *Homilias sobre o Gênese*. Primeiramente o autor reconhecerá o sentido literal ou histórico do texto no momento em que refutará as objeções dos heréticos, mais especificamente, Apelles (110-180), discípulo de Marcião (85-160), quando este entendia como mito as narrativas presentes no Antigo Testamento; logo a seguir, Orígenes recorrerá ao sentido espiritual ou anagógico, se propondo a retirar o véu que segundo o autor envolve a letra do Antigo Testamento; e por último ele apresentará o sentido moral ou tropológico para exaltar os preceitos divinos que reconduzirão a alma a Deus.

Depois de ter apresentado a passagem do Gênese 6,13-22, se referindo à forma da arca, sua habitação interior, os materiais com os quais a arca foi construída, seus planos, isto é, quem ficará na parte de cima, quem habitará a parte de baixo, quantos planos serão necessários, e o porquê dessa divisão, a maneira como foi projetada a porta, as provisões pensadas e introduzidas na arca, até mesmo os lugares onde ficariam depositados os dejetos; depois de toda essa apresentação literal, isto é, depois de nos apresentar as imagens que nos fornecem a representação mental da maneira como seria construída a arca de Noé, Orígenes se debaterá com as heresias impetradas pelo herético marcionita Apelles, quando este duvidava que os escritos de Moisés contivesse alguma coisa da divina sabedoria e fosse a obra do Santo Espírito. Ele dizia ser impossível que um pequeno espaço pudesse conter tantas espécies de animais, com alimento que lhes fosse necessário por um ano inteiro, bem como fazer entrar na arca (conforme a Escritura), de “par em par”, todos os animais impuros, quer dizer um par de machos e um par de fêmeas. Segundo Apelles: “É claro que essa história foi inventada; e visto que é assim, é claro que esta Escritura não é de Deus”. (ORIGÈNE. 1976, p. 87)

Ao adentrar a segunda tipologia, Orígenes se propõe com simplicidade a tentar procurar qual gênero de edificação espiritual contém esta magnífica construção da arca. Vejamos de que maneira o autor constrói suas alegorias e em que planos de realidades.

Em primeiro lugar, o autor nos diz que o dilúvio representou o grande acontecimento, isto é, o evento e a revelação de Jesus Cristo; em segundo lugar, o próprio constrói uma comparação entre o povo que foi salvo dentro da Igreja e todos os seres, homens e animais, que foram salvos dentro da arca; a seguir, Orígenes nos diz que, da mesma forma que dentro da arca não há o mesmo alojamento para todos, isso demonstra que, dentro da Igreja, mesmo que todos estejam contidos no interior de uma mesma fé e batizados de um só batismo, todos não progridem em conjunto da mesma maneira, mas cada um no seu lugar. Orígenes termina essa parte nos dizendo que assim é esse Noé espiritual que deu repouso aos homens e que os retirou do pecado do mundo. (ORIGÈNE. 1976, p. 91).

Chegamos à terceira explicação referente à justificação moral ou tropológica. Para a construção dessa tipologia Orígenes se utilizará praticamente de todas as imagens de que se serviu para descrever a construção da arca. Apresentaremos uma relação direta entre o significante e o significado, para demonstrar mais facilmente o método alegórico que incide entre a simplicidade da palavra e o significado que Orígenes atribui às Sagradas Escrituras. O Alexandrino reconhecia suas insuficiências diante dos mistérios das Escrituras, mas, mesmo admitindo que só os perfeitos podiam explicar em detalhes as verdades manifestadas por Jesus Cristo, ele sabia que podia contar com a graça de Cristo e que poderia auxiliá-lo apesar de suas imperfeições. (DANIELOU, J. 1948, p.174).

Conclusão

Orígenes encontrará na construção da arca motivos suficientes para sua tipologia tropológica. Ele nos diz que para aqueles que são capazes, apesar de estarem sujeitos ao mal e aos vícios, de se desviar das coisas fugazes, perecíveis e efêmeras, para escutar a palavra de Deus e os preceitos celestes, que construam em seus corações a arca da salvação e consagrem em cada um a biblioteca, por assim dizer, da palavra divina. (ORIGÈNE. 1976, p.109) Quanto às dimensões da arca, Orígenes atribui a sua longitude à longevidade da vida e conseqüentemente à imortalidade; quanto a sua latitude, esta significaria o tamanho da caridade que se estabeleceria por sentimentos de doçura e de bondade; quanto a sua altura, esta se transformaria em esperança, e, por último, quanto

ao significado atribuído à porta, esta representaria a abertura para as realidades celestes, pois, se vivemos sobre a terra, é nos céus que teremos a nossa morada.⁵

É importante observar a maneira como essas tipologias são complementares, porque, neste último caso, quer dizer, referente ao sentido tropológico, será por meio da condução das almas ao mundo celeste que essa tipologia se aproximaria do sentido anagógico. Se a exegese é um dos gêneros principais da literatura patrística e medieval, as homilias de Orígenes sobre o Gênesis se constituirão nos escritos os mais marcantes desse gênero. Sua exegese respeitará e se manterá sempre nesse movimento, isto é, do horizontal para o vertical, da compreensão histórica para a inteligência espiritual.

REFERÊNCIAS:

CROUZEL, J. Origène et la philosophie. Paris: Aubier, 1962.

DANIELOU, J. Origène: le génie du christianisme. Paris: De la table ronde, 1948.

FÉDOU, M. Christianisme et religions païennes dans le 'Contre Celse' d'Origène. Paris: l'Aquila, 1973.

LUBAC, H. Exégèse Médiévale – Les quatre sens de l'Écriture. Paris: Aubier, 1964.

_____. **Histoire et Esprit – L'intelligence de l'Écriture d'après Origène.** Paris: Du Cerf, 2002.

ORIGENE. Commento alla lettera ai Romani. Introduzione, traduzione e note a cura di Francesca Cocchini. 1° Vol. Libri I-VII. Casale Monferrato (AL): Marietti, 1986.

ORÍGENES. Tratado sobre os princípios. Tradução de João Eduardo P. Basto Lupi. São Paulo: Paulus, 2012.

_____. **Contra Celso.** Tradução de Orlando dos Reis. São Paulo: Paulus, 2004

ORIGÈNE. Contre Celse. Introdução, texto crítico e notas por Marcel Borret, S. J. Paris: Du Cerf, 1967.

⁵ Outra curiosa alegoria que o autor constrói referente à porta encontramos em sua obra *Commento alla lettera ai Romani*, Livro IV, VIII. Tradução de Francesca Cocchini. Genova: Marietti, 1986, p. 214: “Cristo é a porta que se abre para Deus; por meio da porta a graça; a porta é a verdade e a justiça; pela porta da humildade e da mansidão; a porta da sabedoria; por esta porta não entra a alma estúpida ou ignorante”. Quais são os elementos de sua tipologia que podemos identificar nessas passagens? Tropologia: quando o autor se refere à verdade, humildade e mansidão. Anagogia: quando o autor nos remete às realidades mais altas. Alegoria mística ou espiritual: quando se trata de contemplar a glória de Deus. Jo. 10,9; Jo. 14,6; Mt. 11,29; Mt 25,8-10. 1Cor. 15,10.

_____. **Homélie sur la Genèse.** Tradução de Louis Doutreleau. Paris: Du Cerf, 1976.

RIZZI, M. Problematiche politiche nel dibattito tra Celso e Origene. Roma: Institutum Patristicum Augustinianum, 1998.

SIMONETTI, M. Lettera e/o Allegoria. Un contributo alla storia dell'exegesi patristica. Roma: Institutum Patristicum "Augustinianum", 1985.

_____. **Origene esegeta e la sua tradizione.** Brescia: Morcelliana, 2004.

VISIONA, GIUSEPPE. Rec. A H. Buchinger, Pascha bei Origenes – Band 1: Diachrone Präsentation. Band 2: Systematische Aspekte. (Innsbrucher Theologische Studien, 64) Innsbruck-Wien, Tyrolia-Verlag, 2005. Publicação periódica: Revue d'Historie Ecclésiastique, 2006.